

Domingo XVIII do Tempo Comum – Ano A – 02.08.2026



*«Não temos aqui senão cinco pães
e dois peixes»*

Mt 14, 13-21

Viver a Palavra

Uma imensa multidão segue Jesus e procura-o instantaneamente. Nem a morte de João, nem o desejo de Jesus de se retirar para um local deserto e afastado demove a multidão de ir ao Seu encontro. Começa a cair a tarde, a hora vai adiantada e aquela imensa multidão permanece em torno de Jesus para O escutar.

Como seria belo escutar Jesus, ouvi-Lo falar do Pai e anunciar os mistérios do Reino! As Suas palavras rasgam horizontes de esperança e os Seus gestos inauguram um tempo novo. Aqueles que O escutam, fascinados pelas Suas palavras não se dão conta do adiantar da hora. Mas os discípulos, homens práticos, temendo a necessidade de providenciar alimento para toda aquela multidão, recomendam a Jesus que os despeça.

Neste Evangelho é bem claro o contraste entre a atitude de Jesus e a dos Seus discípulos. A insensibilidade dos discípulos que exclui e manda embora contrasta com o olhar misericordioso e compassivo de Jesus que acolhe e cura. A lógica de mercado dá lugar à lógica da gratuidade e do *«salve-se quem puder»* passa-se à nobre arte da partilha que torna o mundo num lugar mais fraterno. Jesus e os discípulos empregam dois verbos bem diferentes: *«dar»* e *«pagar»*. Para os discípulos, homens práticos e marcados pela sua humanidade, se queres alguma coisa deves comprá-la. É a lógica do mundo: uma lógica comum e correta. Não existe nada de escandaloso neste modo de pensar, mas também não existe nada de grandioso e belo: se queres alguma coisa, deves pagar. Por isso, Jesus introduz o verbo *«dar»*, o verbo que torna operativo o mandamento novo do amor e inaugura uma nova forma de relação marcada pela gratuidade e pela partilha.

Os discípulos colocam o problema a Jesus e pretendem resolvê-lo demarcando-se da solução. Jesus, porém, ensina-os a passarem da parte do problema, para a parte da solução, envolvendo-se nas dores e carências da multidão faminta: *«Não precisam de se ir embora; dai-lhes vós de comer»*. Eles mesmos, com a sua pequenez, com os seus poucos recursos e com as suas limitações.

Os nossos *«cinco pães e dois peixes»* para saciar uma multidão de *«cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças»* é imagem da desproporção entre as nossas forças e capacidades e as necessidades dos homens e mulheres do nosso tempo. Contudo, não nos podemos deixar vencer pela imensidão da tarefa que se coloca diante de nós, porque não estamos sozinhos. Não somos os mais fortes, mas somos filhos do Deus da força. O nosso pouco colocado nas mãos de Deus torna-se pão partido e repartido que sobra em abundância. A nossa vida pronta e disponível para o acontecer de Deus torna-se um instrumento da misericórdia e da graça de Deus que irradia no mundo a esperança e a confiança.

Na verdade, nesta passagem evangélica encontramos quatro passos fundamentais que descrevem os milagres da ação de Deus nas nossas vidas: a carência, o impasse, a oferta humilde e a bênção. Tudo começa com uma carência que gera um impasse: olhando os recursos que temos, não é possível. Contudo, se temos a ousadia da oferta humilde, da partilha desprendida dos nossos cinco pães e dois peixes, podemos abrir a porta

O olhar compadecido e misericordioso que Deus em Jesus Cristo derrama sobre cada um de nós torna-se uma escola da arte de acolher e amar e ensina-nos que o nosso pouco colocado generosa e disponibilmente nas mãos de Deus ao serviço dos irmãos torna-se fermento que leveda toda a massa, pão partido e repartido que sacia em abundância. *in Voz Portucalense.*

«*Dai-lhes vós de comer*». Este desafio que Jesus lança aos Seus discípulos é um convite para os discípulos de todos os tempos e manifesta a solicitude do Mestre, comprometendo-nos com as necessidades dos irmãos. As comunidades cristãs são chamadas a ser lugares de acolhimento e misericórdia, estando atentas aos mais frágeis e necessitados. Deste modo, é importante que as comunidades cristãs promovam a ação caritativa envolvendo todos os fiéis e dinamizando grupos concretos que promovam e realizem esta tarefa. **Neste Domingo, podem ser apresentados os diversos grupos da comunidade que se dedicam a esta missão, pedindo a colaboração de todos e responsabilizando toda a comunidade na atenção aos mais necessitados.**

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

com as graças prometidas a David.

Os tempos do Exílio foram tempos de desolação e de sofrimento... Todas as referências tinham caído; Jerusalém, a cidade santa, estava reduzida a um montão de ruínas; à frustração pela humilhação nacional, juntavam-se as dúvidas religiosas: Jahwéh será o Deus libertador, como anunciava a teologia e a catequese de Israel - ou será um "bluff", incapaz de proteger o seu Povo? Para alguns dos exilados já nada importava, pois o quadro de referência que dava segurança ao Povo tinha sido completamente subvertido. Enquanto alguns

continuavam a sonhar com a libertação e o regresso, muitos outros deixaram de sonhar e lançaram as bases materiais para se enraizarem definitivamente na Babilónia.

O Exílio prolongou-se até 539 a.C., quando Ciro, rei dos Persas, tomou a Babilónia e deu aos exilados a possibilidade de retornarem à sua terra de origem.

É no contexto do Exílio que aparece o Deutero-Isaías, um profeta anónimo cuja mensagem nos é oferecida nos capítulos 40-55 do Livro de Isaías. O profeta esforça-se por "consolar" os exilados, anunciando-lhes a libertação iminente, o regresso à Terra (cf. Is 40-48) e a reconstrução de Jerusalém (cf. Is 49-55). O texto que nos é proposto como primeira leitura apresenta-nos as últimas palavras do "livro da consolação". Depois de um oráculo que anuncia a restauração de Jerusalém (cf. Is 54,11-17), o Deutero-Isaías procura dar aos exilados razões para regressarem à cidade santa. *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes pontos:

- Antes de mais, a leitura que nos é proposta revela o "coração" de Deus: o seu amor, o seu cuidado, a sua preocupação com a situação de um Povo atolado na miséria, no sofrimento, na desolação. Deus não fica, nunca, indiferente à sorte dos seus filhos; mas está continuamente atento às suas necessidades, à sua fome de vida, à sua sede de felicidade. Os crentes podem estar seguros de que, à mesa desse banquete onde Deus os reúne, encontram o alimento que os sacia, a mão que os apoia, a palavra que lhes dá ânimo, o coração que os ama. A reflexão deste texto convida-nos, antes de mais, a descobrir este Deus providente, amoroso e dedicado e a colocar toda a nossa existência nas suas mãos. A reflexão deste texto convida-nos também a sermos testemunhas deste Deus no meio dos nossos irmãos: os pobres, os famintos, os desesperados têm de encontrar nos nossos gestos e palavras esse "coração" amoroso de Deus que os apoia, que lhes dá esperança, que os ajuda a recuperar a dignidade e o gosto pela vida, que lhes mata a fome e a sede de justiça, de fraternidade, de amor e de paz.

- Se é verdade que Deus não cessa de nos oferecer a salvação, também é verdade que nós, os homens, nem sempre acolhemos a oferta que Deus nos faz. Muitas vezes escolhemos caminhos de egoísmo e de autossuficiência, à margem do "banquete" de Deus. Na leitura que nos foi proposta, há um apelo a não gastar o dinheiro naquilo que não alimenta e o trabalho naquilo que não sacia. Corresponde a um convite a não nos deixarmos seduzir por falsas miragens de felicidade (os bens materiais, a ilusão do poder, os aplausos e a consideração dos outros homens) e a não gastarmos a vida a beber em fontes que não matam a nossa sede de vida plena e verdadeira. Como é que eu me situo face a isto? De que é que eu sinto "fome"? Como é que eu procuro saciá-la? Eu também sou dos que gastam o tempo, as forças e as oportunidades a correr atrás de ilusões, de valores efémeros, de miragens? Quais são as verdadeiras fontes de vida em que eu devo apostar de forma incondicional?

- Para acolher os dons que Deus oferece, é preciso desinstalar-se, abandonar os esquemas de comodismo e de preguiça que impedem que no coração haja lugar para a novidade de Deus e para os desafios que ele lança. Estou disponível para deixar cair os meus preconceitos, seguranças, esquemas organizados, egoísmos, e para me deixar questionar por Deus e pelas suas propostas? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 144 (145)

Refrão: Abris, Senhor, as vossas mãos e saciais a nossa fome.

**O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.**

**O Senhor é bom para com todos
e a sua misericórdia se estende a todas as criaturas.**

**Todos têm os olhos postos em Vós
e a seu tempo lhes dais o alimento.**

**Abris as vossas mãos
e todos saciais generosamente.**

**O Senhor é justo em todos os seus caminhos
e perfeito em todas as suas obras.**

**O Senhor está perto de quantos O invocam,
de quantos O invocam em verdade.**

LEITURA II – Romanos 8,35.37-39

Irmãos:

Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?

**A tribulação, a angústia, a perseguição,
a fome, a nudez, o perigo ou a espada?**

**Mas em tudo isto somos vencedores,
graças Àquele que nos amou.
Na verdade, eu estou certo de que nem a morte nem a vida,
nem os Anjos nem os Principados,
nem o presente nem o futuro,
nem as Potestades nem a altura nem a profundidade
nem qualquer outra criatura
poderá separar-nos do amor de Deus,
que se manifestou em Cristo Jesus, Nosso Senhor.**

CONTEXTO

O texto que nos é hoje proposto como segunda leitura conclui a reflexão de Paulo sobre a questão da salvação.

Há já alguns domingos que temos vindo a acompanhar o desenvolvimento das ideias de Paulo sobre esta questão: toda a humanidade vive mergulhada numa realidade de pecado (cf. Rom 1,18-3,20); mas a bondade de Deus oferece a todos os homens, de forma gratuita e incondicional, a salvação (cf. 3,21-4,25). Essa salvação chega ao homem através de Jesus Cristo (cf. Rom 5,1-7,25). O Espírito Santo é que dá ao homem a força para acolher esse dom (cf. Rom 8,1-39), para renunciar à vida do egoísmo e do pecado (a vida "segundo a carne") e para ascender a uma nova situação - a situação de "filho de Deus" (vida "segundo o Espírito").

Acolher a salvação que Deus oferece, identificar-se com Jesus e percorrer com Ele o caminho do amor a Deus e da entrega aos irmãos (vida "segundo o Espírito") não é, no entanto, um caminho fácil, de triunfos e de êxitos humanos; mas é um caminho que é preciso percorrer, tantas vezes na dor, no sofrimento e na renúncia, enfrentando as forças da morte, da opressão, do egoísmo e da injustiça.

Apesar das barreiras que é necessário vencer, das nuvens ameaçadoras e dos mil desafios que, dia a dia, se põem ao crente que segue o caminho de Jesus, o cristão pode e deve confiar no êxito final. Porquê? É a esta questão que Paulo procura responder nestes versículos que nos são hoje propostos. *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:

- Para Paulo, há uma constatação incrível, que não cessa de o espantar (e que temos repetidamente encontrado nos textos da Carta aos Romanos lidos nos últimos domingos): Deus ama-nos com um amor profundo, total, radical, que nada nem ninguém consegue apagar ou eliminar. Esse amor veio ao nosso encontro em Jesus Cristo, atingiu a nossa existência e transformou-a, capacitando-nos para caminharmos ao encontro da vida eterna. Ora, antes de mais, é esta descoberta que Paulo nos convida a fazer... Nos momentos de crise, de desilusão, de perseguição, de orfandade, quando parece que o mundo está todo contra nós e que não entende a nossa luta e o nosso compromisso, a Palavra de Deus grita: "não tenhais medo; Deus ama-vos".

- Descobrir esse amor dá-nos a coragem necessária para enfrentar a vida com serenidade, com tranquilidade e com o coração cheio de paz. O crente é aquele homem ou mulher que não tem medo de nada porque está consciente de que Deus o ama e que lhe oferece, aconteça o que acontecer, a vida em plenitude. Pode, portanto, entregar a sua vida como dom, correr riscos na luta pela paz e pela justiça, enfrentar os poderes da opressão e da morte, porque confia no Deus que o ama e que o salva. *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Mateus14,13-21

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,

**quando Jesus ouviu dizer que João Baptista tinha sido morto,
retirou-Se num barco para um local deserto e afastado.**

**Mas logo que as multidões o souberam,
deixando as suas cidades, seguiram-n'O a pé.**

**Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão
e, cheio de compaixão, curou os seus doentes.**

**Ao cair da tarde, os discípulos aproximaram-se de Jesus
e disseram-Lhe:**

"Este local é deserto e a hora avançada.

**Manda embora toda esta gente,
para que vá às aldeias comprar alimento".**

Mas Jesus respondeu-lhes:

"Não precisam de se ir embora; dai-lhes vós de comer".

Disseram-Lhe eles:

"Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes".

Disse Jesus: "Trazei-mos cá".

Ordenou então à multidão que se sentasse na relva.

**Tomou os cinco pães e os dois peixes,
ergueu os olhos ao Céu e recitou a bênção.**

**Depois partiu os pães e deu-os aos discípulos
e os discípulos deram-nos à multidão.**

Todos comeram e ficaram saciados.

E, dos pedaços que sobraram, encheram doze cestos.

**Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil homens,
sem contar mulheres e crianças.**

CONTEXTO

No capítulo 13 do Evangelho segundo Mateus, começa uma longa secção que poderíamos intitular "instrução sobre o Reino" (cf. Mt 13,1-17,27). Na primeira parte desta secção (cf. Mt 13,1-52), Jesus apresentou em parábolas a realidade do Reino (como vimos, aliás, nos domingos anteriores). Como é que os interlocutores de Jesus reagiram, frente a essa apresentação viva, popular, interpeladora, questionante? Aderiram à proposta de Jesus?

A resposta a esta questão vai ser dada na segunda secção da "instrução sobre o Reino" (cf. Mt 13,53-17,27). De uma forma geral, a comunidade judaica responde negativamente ao desafio apresentado por Jesus. Quer os nazarenos (cf. Mt 13,53-58), quer Herodes (cf. Mt 14,1-12), quer os escribas, quer os fariseus, quer os saduceus (cf. Mt 15,1-9; 16,1-4. 5-12) recusam embarcar na aventura do Reino. Diante dessa recusa, Jesus volta-Se, cada vez mais decisivamente, para o pequeno grupo dos seus seguidores - os discípulos. Esse pequeno grupo vai-se definindo cada vez mais como a comunidade do Messias, que acolhe as propostas de Jesus e aceita o Reino. As multidões continuam a seguir Jesus; mas, cada vez mais, é aos discípulos que Jesus Se dirige e a quem destina a sua "instrução".

O texto que nos é proposto neste domingo situa-nos no âmbito de uma refeição. O "banquete" é, para os semitas, o momento do encontro, da fraternidade, em que os convivas estabelecem entre si laços de familiaridade e de comunhão. É, portanto, símbolo desse mundo novo que há de vir e no qual todos os homens se sentarão à mesa de Deus para celebrar a fraternidade, a igualdade e a felicidade sem fim. Torna-se, pois, um símbolo privilegiado desse Reino para o qual Jesus veio convidar os homens. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:

Antes de mais, o texto convida-nos a refletir sobre a preocupação de Deus em oferecer a todos os homens a vida em abundância. Ele convida todos os homens para o "banquete" do Reino... Aos desclassificados e proscritos que vivem à margem da vida e da história, aos que têm fome de amor e de justiça, aos que vivem atolados no desespero, aos que têm permanentemente os olhos toldados por lágrimas de tristeza, aos que o mundo condena e marginaliza, aos que não têm pão na mesa nem paz no coração, Deus diz: "quero oferecer-te essa plenitude de vida que os homens teus irmãos te negam. Tu também estás convidado para a mesa do Reino".

- A nossa responsabilidade de seguidores de Jesus compromete-nos com a "fome" do mundo. Nenhum cristão pode dizer que não tem culpa pelo facto de 80 por cento da humanidade ser obrigada a viver com 20 por cento dos recursos disponíveis... Nenhum cristão pode "lavar as mãos" quando se gastam em armas e extravagâncias recursos que deviam estar ao serviço da saúde, da educação, da habitação, da construção de redes de saneamento básico... Nenhum cristão pode dormir tranquilo quando tantos homens e mulheres, depois de uma vida de trabalho, recebem pensões miseráveis que mal dão para pagar os medicamentos, enquanto se gastam quantias exorbitantes em obras de fachada que só servem para satisfazer o ego dos donos do mundo... Nós temos responsabilidades na forma como o mundo se constrói... Que podemos fazer para que o nosso mundo seja alicerçado sobre outros valores?

- É preciso criarmos a consciência de que os bens criados por Deus pertencem a todos os homens e não a um grupo restrito de privilegiados. O Vaticano II afirma: "Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos (...). Sejam quais forem as formas de propriedade, conforme as legítimas instituições dos povos e segundo as diferentes e mutáveis circunstâncias, deve-se sempre atender a este destino universal dos bens. Por esta razão, quem usa desses bens temporais, não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si, mas também os outros. De resto, todos têm o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias" (*Gaudium et Spes*, 69). Como me situo face aos bens? Vejo os bens que Deus me concedeu como "meus, muito meus e só meus", ou como dons que Deus depositou nas minhas mãos para eu administrar e partilhar, mas que pertencem a todos os homens?

- O problema da fome no mundo não se resolve recorrendo a programas de assistência social, de "rendimento mínimo garantido" ou de outros esquemas de "caridadezinha"; mas resolve-se recorrendo a uma verdadeira revolução das mentalidades, que leve os homens a interiorizar a lógica de partilha. Os bens que Deus colocou à disposição dos seus filhos não podem ser açambarcados por alguns; pertencem a todos os homens e devem ser postos ao serviço de todos. É preciso quebrar a lógica do capitalismo, a lógica egoísta do lucro (mesmo quando ela reparte alguns trocos pelos miseráveis para aliviar a consciência dos exploradores), e substituí-la pela lógica do dom, da partilha, do amor. Sem isto, nenhuma mudança social criará, de verdade, um mundo mais justo e mais fraterno.

- A narração que hoje nos é proposta tem um inegável contexto eucarístico (as palavras "ergueu os olhos ao céu e recitou a bênção, partiu os pães e deu-os aos discípulos" levam-nos à fórmula que usamos sempre que celebrámos a Eucaristia). Na verdade, sentar-se à mesa com Jesus e receber o pão que Ele oferece (Eucaristia) é comprometer-se com a dinâmica do Reino e é assumir a lógica da partilha, do amor, do serviço. Celebrar a Eucaristia obriga-nos a lutar contra as desigualdades, os sistemas de exploração, os esquemas de açambarcamento dos bens, os esbanjamentos, a procura de bens supérfluos... Quando celebramos a Eucaristia e nos comprometemos com uma lógica de partilha e de dom, estamos a tornar Jesus presente no mundo e a fazer com que o Reino seja uma realidade viva na história dos homens. *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** possui um forte tom exortativo. Deste modo, a proclamação deste texto deve ter presente este tom exortativo com uma especial atenção às diversas formas verbais no imperativo.

A **segunda leitura** exige uma acurada preparação para uma correta proclamação. Deve ter-se em atenção as duas frases interrogativas iniciais, bem como as diversas enumerações presentes no texto.